

ASPECTOS CONSTITUTIVOS DA IDENTIDADE PESSOAL E PROFISSIONAL DE DOCENTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE

Francisco Hamaral Nunes de Freitas

Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia /UERN. E-mail: hamaral.2006@hotmail.com

Débora Maria do Nascimento

Campus Avançado Maria Elisa de Albuquerque Maia /UERN. E-mail: deboranascimento@uern.br

Resumo: este estudo é fruto do trabalho monográfico para obtenção do Grau de Licenciado em Pedagogia, intitulado “Trajetória de vida e formação de educadores dos anos iniciais do ensino fundamental”, partindo da concepção de que os sujeitos quando escrevem, falando sobre as suas lembranças e memórias de vida e formação, depositam no papel as recordações que consideram mais acentuadas na sua caminhada. Nesse sentido, considera que a trajetória de vida de cada indivíduo é proveniente de uma construção ao mesmo tempo individual e coletiva, que se encontra submersa em experiências e fatos que contribuem de forma direta ou indireta para o desenvolvimento do sujeito, seja no campo profissional ou pessoal. Apresentamos aqui os resultados da pesquisa e levantamos compreensões embasadas em Nóvoa (2007), Brzezisnski (2002), Tardif (2002), entre outros. Metodologicamente, a pesquisa monográfica trabalha na perspectiva de uma abordagem qualitativa, optando-se pela pesquisa com a narrativa, no qual atribui ao professor o papel de sujeito do estudo, tendo como instrumento empregado à entrevista narrativa escrita, a fim de compreender as estruturas que alicerçam os cursos de vida e as trajetórias das pessoas pesquisadas. Expomos os resultados e discussões da análise das entrevistas escritas expondo os sentidos e significados alicerçados na teoria de Vygotsky (2001). Os resultados demonstram que os/as educadores (as), através das narrativas escritas, trouxeram aspectos da trajetória de vida pessoal e profissional docente que se encontram intimamente ligados ao processo de formação da sua identidade. Uma identidade singular, que é construída a partir de inúmeras referências, das experiências vividas e dos caminhos percorridos. Fornecendo assim, os pilares para a construção dos seus ideais, de como exercer e refletir a profissão docente, bem como das suas compreensões de vida e do mundo.

Palavras-chave: Trajetória de vida. Memórias. Identidade. Saberes Docentes.

1 Introdução

Neste estudo pesquisamos como a trajetória de vida profissional entrelaça-se com a trajetória pessoal possibilitando pensarmos quem é o sujeito professor que atua em sala de aula todos os dias, uma vez que ao longo dessas trajetórias ocorrem fatos, positivos ou negativos, que contribuem de forma direta ou indireta para o desenvolvimento profissional.

Consideramos aqui, que a história de vida de cada sujeito é resultado de uma construção ao mesmo tempo individual e coletiva, revelando-nos o que fomos e fizemos e o

que somos e fazemos. Trata-se de um processo mútuo, onde passado e presente estão intimamente conectados. Destacamos que nós, enquanto sujeitos históricos, culturais e sociais, buscamos a todo instante em nossas memórias, fatos e experiências que foram positivos ou negativos, e nos utilizamos destas para decisões em nosso cotidiano.

Nessa perspectiva, através dessa pesquisa buscamos responder a seguinte pergunta: quais as implicações da trajetória de vida e formação na construção da identidade de professores das séries iniciais do ensino fundamental?

O objetivo geral da pesquisa foi compreender a construção da identidade docente a partir da trajetória de vida e formação docente. Como objetivos específicos procuramos: identificar como o professor sente, pensa e concebe o ato de ensinar, em seguida identificar os caminhos e obstáculos que levaram os professores a ingressar e permanecer na profissão, e por último analisar os sentidos e os significados que os sujeitos atribuem à profissão docente.

Metodologicamente, nos fundamentamos na perspectiva de uma abordagem qualitativa, uma vez que o nosso foco de interesse parte de uma perspectiva diferenciada adotada pelos métodos quantitativos, onde procuramos obter dados descritivos mediante o contato direto e interativo com a situação objeto de estudo, procurando assim entender os fenômenos, segundo a perceptiva dos sujeitos participantes, e a partir daí situarmos nossas interpretações sobre o que foi estudado.

Por esse ângulo, optamos pela pesquisa narrativa, pois atribui ao professor o papel de sujeito do estudo, onde através das narrativas, nós pesquisadores, teremos acesso às suas vivências e experiência, todavia de forma sempre indireta, pois os sujeitos nos apresentam as suas experiências do modo como as compreendeu e interpretou.

Como procedimento, utilizamos a entrevista narrativa escrita, dado que, este método de construção de dados fornece uma relevante contribuição para que se compreendam as estruturas que alicerçam os cursos de vida e as trajetórias das pessoas pesquisadas, permitindo assim o acesso aos aspectos particulares dos indivíduos.

2 Memória e identidade: algumas reflexões teóricas

Tendo em vista que a pesquisa buscou compreender que a história de vida de cada sujeito é resultado de uma construção ao mesmo tempo individual e coletiva, revelando-nos o que fomos e fizemos e o que somos e fazemos, destacamos os principais autores que embasaram a pesquisa: Brandão (2008), Dubar (2005), Nóvoa (2007), Paulo Freire (1996), Stuart Hall (2014), Pimenta (1999), Tardif (2002), Moita (2007) e Bosi (2007).

A identidade é uma fonte de significados pessoais e coletivos, onde o ser humano se encontra em um constante processo de transformação, que é decorrente da visão que o sujeito possui de si próprio e de múltiplos elementos externos, constituindo-se como ser histórico e social, que possui percepções de mundo, elaboradas por meio do modo de viver e de se relacionar com os outros.

Desta forma, o ser humano se encontra em um constante processo de humanização, onde através do tempo, do trabalho e da socialização com os outros indivíduos vai apoderando-se da cultura, das informações, conhecimentos e valores, tornando-se um ser histórico e social. Inicialmente, nos identificamos com nosso nome, que nos distingue num aglomerado de outros seres, integrantes de uma mesma sociedade ou grupo, indicando a nossa individualidade e peculiaridades.

Brandão (2008, p. 33, grifos do autor), nos esclarece que:

Se me pergunto ‘quem sou eu?’ ou se me perguntam ‘quem é você?’, imediatamente surgem muitas respostas: o nome, o lugar de nascimento, a filiação, a data do nascimento. Ora – dirão os leitores – estes são os dados da carteira de identidade. Certamente. A carteira de identidade é o documento que afirma, oficialmente, nosso lugar na sociedade, e sem ela é como se não existíssemos; não poderíamos, sem ela, executar muitos atos aparentemente banais e cotidianos da vida em uma sociedade, segundo o modelo no qual estamos inseridos.

Nesse sentido, nossa individualidade é a nossa história, pois são várias as situações nas quais declaramos nossa identidade. É através desta que reafirmamos o lugar que ocupamos em um determinado grupo ou sociedade, e fazer com que os outros tenham conhecimento de quem somos faz de nós sujeitos especiais e únicos.

Para o sociólogo Dubar (2005), a identidade humana é uma construção que se dá ao mesmo tempo de maneira individual e coletiva, sobre a visão que os sujeitos possuem de si mesmos e dos processos decorrentes de múltiplos elementos externos, como as percepções de mundo, elaboradas socialmente e culturalmente, por meio das tradições, do modo de viver e de se relacionar com os demais.

Consideramos como um aspecto importante para o nosso trabalho o pensamento de Stuart Hall (2014, p. 12, grifo do autor), quando o mesmo diz que:

O sujeito assume identidades diferentes em momentos diferentes, identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu’ coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas.

Desta forma, tendo em mente que através do tempo a identidade se modifica, já que não se trata de algo sólido, mas de algo que está em constante transformação, podendo utilizar dos escritos de Stuart Hall como referencial teórico para auxiliar na realização de comparações entre o pensamento dos professores (as) do ensino fundamental de diferentes épocas, tendo como aspectos base a visão de sociedade, de si e do outro, bem como suas opiniões e relatos de temas como família, instrução escolar, sucesso e fracasso na vida pessoal e profissional, entre outros.

Assim, acreditamos na importância de passarmos a discutir sobre a identidade profissional, que se configura aqui como um espaço de conflitos, rupturas e lutas constantes, uma vez que a identidade profissional não é algo estático e fixo, mas sim, suscetível de mudanças. Nessa perspectiva, Pimenta (1999, p. 18), elucida que:

Mas é um processo de construção do sujeito historicamente situado. A profissão de professor, como as demais, emerge em um dado contexto e momento histórico, como resposta a necessidades que estão postas pelas sociedades adquirindo estatuto de legalidade. Assim, algumas profissões deixaram de existir e outras surgirão nos tempos atuais. Outras adquirem tal poder legal que se cristaliza a ponto de permanecerem com práticas altamente formalizadas e significado burocrático. Outras não chegam a desaparecer, mas se transformam adquirindo novas características para responderem a novas demandas da sociedade. Este é o caso da profissão de professor.

Da mesma forma que a identidade pessoal, a identidade profissional dos professores, revela-se como uma ação contínua, histórica e social, que é erguida através dos vínculos desenvolvidos em cada contexto. Desta forma, o docente carrega consigo ao longo de sua vida profissional os saberes que adquiriu enquanto discente que vivenciou a prática de seus professores antigos, como colega por meio da troca de experiências com outros docentes, obtendo, portanto, cada vez mais novos atributos profissionais, que internaliza em seu percurso de vida.

Nessa perspectiva, é importante reconhecermos a importância de considerar a trajetória de vida pessoal do professor e a formação de sua identidade profissional. Nóvoa (2007, p. 17), nos esclarece que:

[...] A maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino [...]. Eis-nos de face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam com a maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser. É impossível separar o eu profissional do eu pessoal.

Dessa maneira, Nóvoa (2007) vem esclarecer que não basta aos docentes apenas o domínio de saberes e aptidões profissionais, e continuando como meros receptores de conhecimentos prontos e acabados em uma perspectiva técnica da ação pedagógica. É imprescindível que o educador seja compreendido como um indivíduo perspicaz e dinâmico da sua formação, um ser que tem história e que não pode ser objetivado.

Levar em conta o conhecimento e as experiências do professor é muito importante, uma vez que advindos das vivências, do contexto social e cultural, além das próprias experiências profissionais, acabam favorecendo ao docente a possibilidade de realizar uma autoanálise crítica e reflexiva de si próprio, onde em um primeiro instante surge as contradições e os conflitos consigo mesmo e com o meio, no caso a sala de aula, para em um segundo momento, se estabelecerem enquanto propostas de caminhos para a prática pedagógica.

Os professores no decorrer da sua prática em sala de aula, dispõem, produzem e conquistam muitos saberes. Nessa perspectiva, Paulo Freire (1996, p. 12), elucida que:

[...] ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.

O docente deve se ver como um eterno aprendiz. Logo, a transmissão de conteúdos desvinculados do contexto pessoal, social e cultural do educador não tem sentido para o docente, pois suas decisões, direta ou indiretamente, influenciam em suas escolhas. O docente sempre irá transmitir os seus conhecimentos, articulando-os com as suas vivências e experiências passadas, seja na elaboração de um planejamento, seja na postura que deve assumir frente à sala de aula, seja revisitando as metodologias de seus antigos professores, ou mesmo baseando-se no contexto familiar e social.

Assim, destacamos os escritos de Pimenta Tardif (2002), que elucidam sobre essa experiência que forma, composta por aprendizagens que estão pautadas em atitudes, condutas e convicções.

Para Tardif (2002), a experiência, é um saber que se baseia nas atividades cotidianas do docente e também na compreensão de seu meio, germinando através de suas experiências e vivências em diversas situações, podendo estas ser profissionais ou pessoais e incorporando-se sob a forma do fazer e do ser professor. Dessa forma, não se trata de um saber que provém

das entidades formadoras, nem de grades curriculares, mas saberes que estão sempre se auto atualizando, obtidos por meio da prática, dos anos de ofício como docente, ou ainda antecedente a este período, que se tornam relevantes no domínio do exercício da profissão professor.

Assim, quando nos colocamos a refletir sobre nossas vivências, pensando profundamente sobre o que se passou, o que sentimos, percebemos e observamos, estamos realizando um processo de auto formação, internalizando e distinguindo o que foi bom ou não para nós, o que pode nos acrescentar ou o que pode nos ajudar na melhoria de nossa prática em sala de aula ou não. Conforme Moita (2007, p. 114 – 115, grifos da autora):

Compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida. Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos. Um percurso de vida é assim um *percurso* de formação, no sentido em que é um *processo* de formação.

Seguindo essa lógica, Bosi (2007, p. 53), nos esclarece que o passado se conserva e que “[...] a lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e devaneios”. Ou seja, é através da memória que o passado ressurgue na mente, o que faz com que o sujeito entre em um processo de revisão de sua própria existência, interligando reciprocamente o passado ao presente. Em concordância a autora Bosi (2007), não há presente sem passado, uma vez que nossos atos, acontecimentos e condutas estão marcados na memória.

A memória cumpre um papel organizador, servindo como uma ponte entre o presente e passado. Vale salientar que a memória pode ser dilatada através da escrita, isso ocorre quando a reflexão é exercitada atingindo camadas mais profundas e também mais distantes dos simples fatos, dando oportunidade do sensível, do emocional e do afetual(afeto?) florescerem, numa reflexão do ser.

Concluimos assim que as memórias tem o poder de desencadear escolhas, seja relacionado à vida pessoal, quanto profissional, pois a vivencia de certas situações poderá fazer com que o sujeito procure meios de não reproduzi-las, ou então de preservá-las. Pois o homem cria e recria a sua identidade, as suas relações sociais, profissionais e culturais. Assim, a história de vida apresenta-se como um valioso instrumento na formação de professores, uma

vez que as experiências e acontecimentos vividos podem ser refletidos no seu papel de docente, na forma como ensina, como se comporta, entre outros.

3 Os sentidos construídos pelos professores acerca de suas determinações constitutivas

Nesta parte, trabalharemos numa perspectiva voltada mais para o processo metodológico do trabalho, evidenciando como ocorreu o processo de análise das narrativas escritas pelos docentes.

Nessa perspectiva, os quatro educadores (as) produziram cada um (a) a sua narrativa escrita, onde procuramos enfatizar alguns eixos, são eles: o percurso de vida, a relação com a sala de aula e com a profissão, e o desenvolvimento profissional (profissão de professor). As transcrições foram digitalizadas e enviadas por e-mail facilitando o processo de leitura e posteriormente de análise. Assim, identificamos inicialmente os pré-indicadores, em seguida os indicadores e por último, mas não menos importante, os núcleos do sujeito (AGUIAR; OZELLA, 2013).

O processo de análise teve como princípio a perspectiva de Vygotsky (2001), o qual nos possibilita entender que, para se acercar da subjetividade do docente, é necessário primeiramente admiti-lo como um sujeito que reflete, que experimenta e opera dentro da sociedade, através relações de pensamento e linguagem, oportunizando assim, adentrarmos nos campos dos significados e dos sentidos que são produzidos pelos docentes sobre si próprios e sobre o seu modo de atuar no meio em que vive.

A escolha dos pré-indicadores são elucidados por meio das leituras flutuantes, evidenciando palavras ou passagens impregnadas de significado para os docentes, ou seja, temas importantes que servirão de ponto de partida para a construção dos indicadores que darão suporte as análises dos dados da pesquisa.

Assim, chegamos ao total de 72 pré-indicadores que se encontram organizados abaixo. Lembramos que eles estão divididos ainda por docentes, pois o processo de articulação e aglutinação dos pré-indicadores ocorreram na próxima fase da análise.

A articulação dos pré-indicadores possibilitou que ocorresse a segunda fase, que é a sistematização dos indicadores. Nessa etapa começamos a perceber que os pré-indicadores, que anteriormente tínhamos selecionados, apontavam semelhanças, conflitos e complementos entre si, compondo conexões, e dando origem aos que chamamos de conjuntos de indicadores (AGUIAR; SOARES; MACHADO, 2006). Esses indicadores nos possibilitou formar os

núcleos de significação, dando-nos a oportunidade de realizar uma análise mais intrínseca e significativa. Resultando na terceira fase da análise.

Logo, o agrupamento dos 72 indicadores resultaram em 8 indicadores que são o conjunto das ideias dos professores. Nesse processo já não há mais divisão por docentes, o que buscaremos agora é a ideia geral, ou seja, o significado comum expresso nas falas dos sujeitos, que juntos formam um núcleo de significação. Os indicadores estão organizados no quadro a seguir.

1º Quadro – Indicadores

INDICADOR	1) A relação professor-aluno enquanto influenciador no processo de ensino-aprendizagem, visando uma educação construtivista e a construção mútua de conhecimentos e de saberes.
Pré-indicadores	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo respeitoso entre o professor e o aluno, aluno e aluno; • Professor e aluno aprendem mutuamente um com o outro; • Ligação afetiva influência na prática docente; • Ligações afetivas entre alunos e professor; • Visão construtivista da educação; • Ensinar é favorecer a aprendizagem; • Ensinar é sempre buscar o novo; • Ensinar é construir conhecimento; • Ensinar é troca de saberes; • O ensino-aprendizagem enquanto construção dialética; • Conhecimento dinamizado.
INDICADOR	2) O educar para a vida: ensino como instrumento conscientizador, criativo, crítico e reflexivo, e o currículo enquanto porta aberta para a sociedade e para o futuro.
Pré-indicadores	<ul style="list-style-type: none"> • Educar é convívio social; • O professor deve educar para a convivência em sociedade; • Ensinar e aprender envolve a criatividade; • Ensino crítico e reflexivo; • Preparar o aluno para ser cidadão; • Educar é consciência política; • Educar é uma forma de intervenção; • Conscientização do aluno; • O estudo como porta para um futuro melhor; • Currículo mais abrangente, oportunizando a participação e estimulando a curiosidade; • Promessa de um futuro melhor.
INDICADOR	3) Material didático enquanto instrumento de formação crítica do estudante.
	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de material didático;

Pré-indicadores	<ul style="list-style-type: none"> • Livros ultrapassados; • Livros didáticos ultrapassados.
INDICADOR	4) Pobreza, desvalorização e falta de experiência enquanto obstáculos para o ingresso e permanência na profissão docente, vocação como forma de superação.
Pré-indicadores	<ul style="list-style-type: none"> • Pobreza; • Falta de Recursos financeiros para iniciar uma graduação; • Da zona rural para a urbana: necessidade e desafio; • Trabalho na agricultura como outro meio de sobrevivência; • Obstáculos para ser e estar na profissão docente; • Início da docência enquanto desafio; • Vocação superou os obstáculos; • Aspecto econômico como dificuldade; • Falta de experiência como dificuldade para ingressar no campo educacional; • Emprego como ato de falsa generosidade; • Salário como fator negativo; • Dificuldade financeira na família.
INDICADOR	5) O ser docente enquanto missão: construtor de novos saberes, mediador, flexível e em contínua (trans) formação.
Pré-indicadores	<ul style="list-style-type: none"> • Ser docente é estar em continua transformação íntima e profissional; • Ser professor é estar sempre construindo novos saberes; • Propostas pedagógicas diversificadas e significativas; • Ser professor é um dom; • Ser professor é ser mediador, flexível e em constante aprendizado; • O professor possui um papel social; • Ser professor é tornar o aluno um ser crítico e reflexivo. • Ser professor enquanto sonho; • Amor à profissão professor; • O ser professor se constrói fazendo e refletindo a prática; • Ser professor está relacionado às vivências dentro e fora do trabalho; • Ser professor é se doar; • Ser professor é uma missão; • A identidade do professor em permanente construção; • A realidade do aluno como subsídio para a prática.
INDICADOR	6) O ensino tradicional: métodos limitadores para o desenvolvimento do aluno.
Pré-indicadores	<ul style="list-style-type: none"> • Ensino tradicional; • Ensino baseado no ato de memorizar; • Avaliação seletista; • Escrita reprodutora;



	<ul style="list-style-type: none">• Método tradicional baseado na decoração;• Aluno apenas como receptor de conhecimentos;• Currículo tradicional mais fechado;• Aluno apenas como receptor de conhecimentos;• Metodologia pedagógica baseada em antigos professores;• Influência do Magistério.
INDICADOR	7) A família como primeiro incentivo na busca da profissão docente.
Pré-indicadores	<ul style="list-style-type: none">• Importância da família;• Auxílio na renda mensal da família;• O incentivo dos pais frente às dificuldades;• Família humilde influenciou na busca de uma profissão melhor;• O esforço dos pais para ofertar uma boa educação para os filhos;• Família tradicional e conservadora;• Apesar do pouco grau de instrução, os pais não se opuseram a educação dos filhos;• Investir aos poucos para realizar sonho.
INDICADOR	8) Graduação como porta para inserção no mercado de trabalho.
Pré-indicadores	<ul style="list-style-type: none">• Nível Superior como necessidade para se atuar na educação básica;• Graduação como ampliação dos conhecimentos;• Formação continuada como aperfeiçoamento.

Fonte: Extraído dos relatos dos professores contidos no trabalho monográfico do próprio autor.

A terceira etapa da nossa análise foi à organização dos núcleos de significação, que conforme Aguiar, Sores e Machado (2015, p. 62), é o:

[...] resultado de um processo em que os indicadores são articulados de modo a revelarem de forma mais profunda a realidade estudada. Por articular e sintetizar todos os possíveis conteúdos resultantes do processo de análise empreendido desde o levantamento dos pré-indicadores, esta é a que mais se distancia do empírico e se aproxima da realidade concreta, isto é, dos sentidos que o sujeito constitui para a realidade na qual atua.

Nessa perspectiva, cada núcleo de significação busca revelar o sujeito na sua totalidade. Vale ressaltar que por meio dos núcleos de significação, saímos da mera descrição, avançando para a interpretação. Desta forma, articulando os 8 indicadores chegamos ao total de 3 núcleos de significação. São eles:

- 1) O professor em (trans) formação e o aluno no processo de construção de uma educação transformadora, mediada e flexível.
- 2) A influência do currículo e do material didático no ato de bem ensinar para a vida, *versus* o ensino tradicional.
- 3) A importância da família, da vocação e do ensino superior na superação de obstáculos.

4 Considerações Finais

Através dos discursos narrativos que foram produzidos pelos 4 docentes que conosco caminharam e contribuíram nessa jornada, percebemos que todos são diferentes, e é a diferença que nos torna iguais, cada um com sua perspectiva, com seus ideias, suas compreensões de vida, de luta, de vitórias e derrotas. Cada um diferentemente formado ao longo de suas trajetórias de vida e também de formação, pessoas incompletas e inconstantes.

Compreendemos, que cada docente participante de nossa pesquisa, foi ao longo dos anos, por meio das experiências vividas, e dos trajetos percorridos, produzindo seu modo singular de exercer e refletir a profissão docente. Alguns tiveram a influência dos pais, outros do companheiro, alguns pelo fato de querer superar a pobreza, ter uma vida mais digna, lutar contra o sistema. De forma direta ou indireta, todos foram influenciados por algo, e suas memórias nos mostram isso, evidenciam o seu passado e se tornam ações afirmativas sobre as escolhas do futuro.

Logo, cremos que não existe uma sociedade com pessoas homogêneas, pois estas não são iguais e nunca serão. Vivemos em um meio heterogêneo, marcado pelas diferenças de cor, de opção sexual, de religião, de classe social. É a diferença que nos une enquanto seres humanos, e é nela que nos encontramos e procuramos mudar nosso meio e a nós mesmos.

Nessa perspectiva, a maneira como as pessoas encaram a vida e a sua profissão estão diretamente relacionadas às suas diferentes experiências e vivências. Desta forma, buscamos destacar através nas narrativas escritas pelos 4 educadores (as), as passagens que sentíamos um alto nível de carga emocional, bem como as que os sujeitos de alguma forma davam mais ênfase, tornando-se as mais representativas. Permitindo-nos assim, compreender os sentidos e os significados de suas trajetórias.

Assim, as narrativas escritas trouxeram para nós aspectos da trajetória de vida pessoal e profissional docente, que se encontram intimamente ligados ao processo de formação da identidade. Uma identidade que é construída a partir de inúmeras referências,

provenientes desde a infância, a família, perpassando a trajetória de vida escolar e acadêmica, até chegar ao ambiente de trabalho.

Referências

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; SOARES, Júlio Ribeiro e MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Psicologia – Ciência e Profissão**. 2015, ano 26, Número 2, São Paulo.

_____; OZELLA, Sergio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. In: **PSICOL. cienc. prof.** Brasília: UnB, vol.26, n.2, p.222-245, jun. 2006. Disponível em: <http://scielo.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000200006>. Acesso em: 20 set. 2008.

BOSI, Ecléa. Memória-sonho e memória trabalho. In: _____. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Memória e interação. In: _____. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordino. Memórias e identidades. In: _____. **Labirintos da memória: Quem sou?**. São Paulo: Paulus, 2008. p. 31 – 43.

DUBAR, Claude. Para uma teoria sociológica da identidade. In: _____. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FREIRE, Paulo. Não há docência sem discência. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 11 – 90.

HALL, Stuart. A identidade em questão. In: _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014. p. 9 – 16.

MOITA, Maria da Conceição. Percursos de formação e trans-formação. In: NÓVOA, António. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2007. p. 111 – 118.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: _____. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 15-34.

TARDIF, Mourice. O saber dos professores em seu trabalho. In: _____. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 30 – 55.

Vygotsky, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Ed Ridendo Castigat Mores, 1996.

_____. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 3ª.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (Coleção Psicologia e Pedagogia. Nova Série).